

Sofrência: entre xs muitos elxs¹

Felipe Nunes Quaresma

E. E. Maria Pecciole Gianasi

O presente relato traz os efeitos do currículo cultural da Educação Física em ação numa escola pública da cidade de São Paulo (SP) situada nas localidades do Jardim Ângela, um bairro periférico da zona sul. Antes de relatar as ações didáticas, é importante apresentar o panorama político do porquê sou professor na E. E. Maria Pecciole Gianasi. Em 2015, com a famosa reorganização da rede estadual, a Secretaria da Educação, de maneira antidemocrática, simplesmente resolveu transferir xs estudantes de várias escolas sem consultar a comunidade que nelas estudavam ou trabalhavam. O alunado, corajosamente, adotou uma postura brilhante e genial, ocupando mais de 100 escolas em todo o estado com o objetivo de barrar aquele projeto facistoide.

Os estudantes, de forma exitosa, fizeram o poder público voltar atrás, obrigando-o a anunciar na grande mídia que a reorganização seria feita democraticamente e que nenhuma escola seria fechada. Caso acontecesse, isso aconteceria de maneira gradativa e com a participação da comunidade. As escolas foram desocupadas e o ano letivo foi concluído com a vitória dxs estudantes gerreirxs².

Mas, em 2016, durante o processo de atribuição de aulas para os professores efetivos, percebemos a diminuição considerável de salas na maioria das escolas. Alguns diretores e supervisores, obedecendo tal qual lacaios, aos desmandos do governo, superlotaram as salas de aula e diminuíram drasticamente a quantidade de aulas disponíveis, levando a maioria dxs professorxs a diminuir suas jornadas e obrigando-xs a assumir aulas em diversas escolas para não ter diminuídos os seus vencimentos.

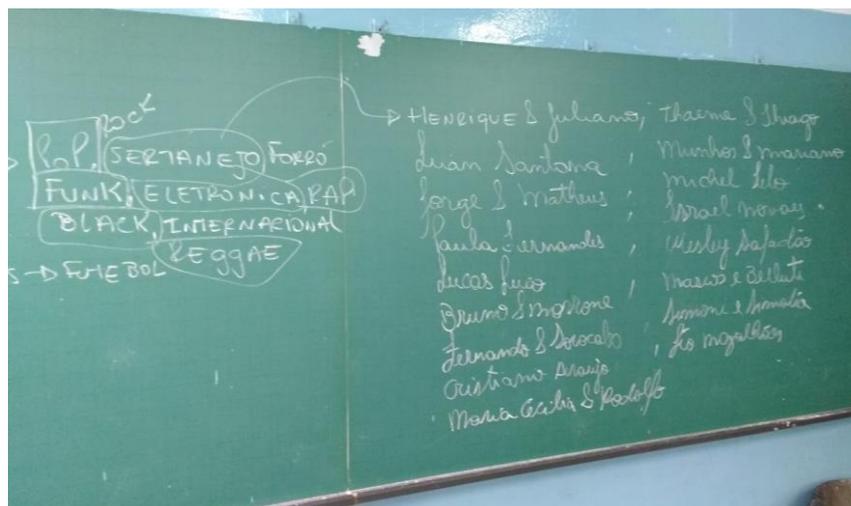
¹ Esse relato é dedicado às 868 vidas tiradas simplesmente porque amavam de maneira “diferente”.

² A opção dessa grafia se baseia na obra de Guacira Lopes Louro, cuja intencionalidade é desconstruir a neutralidade conferida ao masculino (o normal), principalmente nas generalizações e sua aplicação no plural das palavras. Sendo uma ação política pós-identitária o “x” representa menina, menino, trans, *queer* e tantas outras possibilidades identitárias, desconstruindo os binarismos e a heteronormatividade compulsória que contribuem para a manutenção do *status quo*. Em outros textos percebe-se a utilização de @, ele/ela, ele(a). No Brasil, tal registro no âmbito da educação é pouco visível e apesar de atingir a “norma culta” da língua, atua na valorização e na representatividade de sujeitos abjetos, subjugados, “aqueixs desconsideradx” pela sociedade. Porém, optei por demarcar o gênero quando este for individual e necessário para a compreensão das diferenças construídas nos discursos heteronormativos.

Como consequência daquela reorganização mascarada, tive que trabalhar em 4 escolas para manter a jornada básica. Assumi as turmas na escola Pecciole nessas condições e é lá que o currículo cultural teve seus efeitos multiplicados nxs estudantes, professorxs, gestão e demais membros da comunidade. Ainda na primeira semana, pedi à gestão o Projeto Político Pedagógico para entender quais eram os objetivos da escola e as ações que pretendia desenvolver. Não me foi apresentado, pois estava em elaboração.

Sem conhecer o teor desse documento obrigatório em todas as escolas brasileiras, conversei com xs estudantes para mapear o que conheciam sobre as práticas corporais e o que já tinham estudado nas aulas de Educação Física dos anos anteriores. Majoritariamente responderam sobre suas experiências com os esportes, algumxs participavam de turmas de treinamento na escola e disputavam campeonatos. Não satisfeito, perguntei quais práticas corporais acessavam fora da escola, em casa ou em outros lugares. Como a dança foi repetidamente mencionada, pensei que seria importante tematizá-la. Propus axs estudantes abordarmos a dança e a maioria aceitou, mas houve também algumas queixas, pois não queriam abandonar os esportes. Percebi que não seria fácil mudar esse quadro, pois, afinal, era essa a concepção de Educação Física que acessaram desde que conheceram o ambiente escolar.

Uma vez definido o tema, perguntei-lhes quais danças conheciam. À medida em que respondiam, registrava na lousa: funk, rock, pop, reggae, pagode, sertanejo etc., até que alguém disse “sertanejo”. A reação de uma parcela da turma foi imediata. Começaram a gritar que não queriam, enquanto outrxs se mostraram bem entusiasmados com a ideia. Desafiei aquelxs que rejeitaram o estilo a explicarem as razões da negativa. Os discursos começaram a surgir: “Ah, nada a ver isso aí prof”, “coisa de baiano”, “só fala de amor”. Pedi à turma que dissesse quais cantores, cantoras e duplas conheciam e anotei seus nomes. Pedi para que na próxima aula salvassem músicas sertanejas no celular ou no pen drive para que pudéssemos ouvi-las na próxima aula. Na data marcada, enquanto ouvíamos as gravações, estimulei-xs a dançar, o que causou muitas risadas.



Meninos e meninas dançaram e também não dançaram. As vivências prosseguiram na sala de aula, no pátio da escola, na quadra, em uma área grande ao lado da quadra. Levei à escola uma caixa de som portátil com bateria com entrada USB. Xs estudantes passaram a pesquisar e trazer músicas sertanejas variadas e alguns efeitos interessantes começaram a ocorrer. Os primeiros foram xs professorxs pedindo para diminuir o volume, pois o som alto atrapalhava as aulas e, na sequência, xs estudantes de outras turmas perguntando se eu era professor de dança: “não sou e nem sei dançar nada”.





Durante várias aulas, xs estudantes definiram as músicas que queriam dançar, curtiram, tiraram “sarro” dxs colegas, enfim muitas coisas aconteceram. Enquanto isso, alunxs de outras turmas pediam para ir no banheiro, xs curiosxs olhavam pela janela ou iam até o corredor para ver o que estava acontecendo, todxs acabavam se juntando a nós e participando. Até as agentes de organização escolar arriscaram seus passos.



Com o intuito de aprofundar os conhecimentos, passei a perguntar sobre as músicas que estávamos escutando. A turma percebeu que o sertanejo sofrência era o mais tocado. Questionadxs sobre o conteúdo das letras, responderam que falam de amor. Analisando os versos, percebemos que a maioria narrava um homem sofrendo de amor por uma mulher. Foi aí que um dos estudantes surpreendeu o grupo dizendo que “essas músicas não me representam, pois eu amo outros meninos”. Muitxs estudantes riram e o chamaram de “veadinho”. O fato levou-me a propor que buscassem músicas que pudessem representar o colega. Imediatamente, cedi o meu celular para que pesquisassem músicas do sertanejo gay. Enquanto algumxs ficaram quietxs, outrxs disseram “claro, vamos procurar prof”.

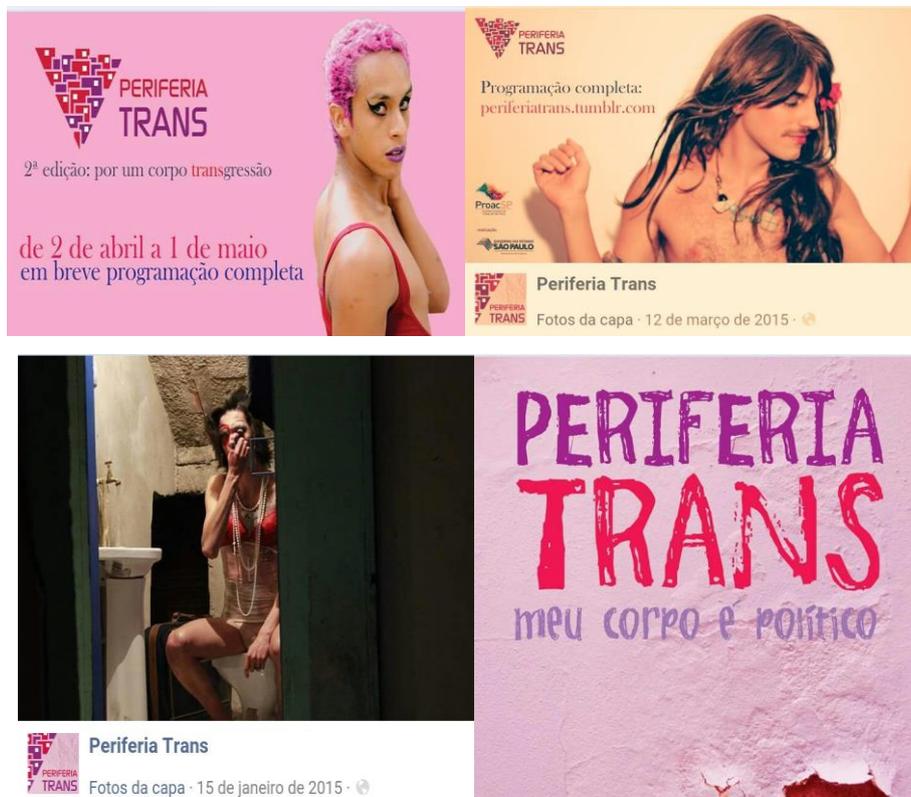
Ao digitar no Google e no no YouTube os termos “sertanejo gay” apareceu uma dupla chamada: “Zé Barreiro e Catuaba”. Ouvimos várias músicas. Também recorri ao grupo do WhatsApp de professorxs amigxs que colocam o currículo cultural em ação e perguntei se alguém conhecia alguma música sertaneja com essa temática. A querida amiga e professora Dayane indicou a dupla: “As bofinhas”.



À medida em que ouvíamos as canções, coisas interessante começaram a acontecer. Responsáveis pelxs estudantes foram à escola reclamar que o professor não esta “dando aula direito” de Educação Física. A gestão notificou-me sobre as angústias dos familiares e a única coisa que fiz foi explicar que o procedimento fez emergir as relações presentes na sociedade atual. Não invisibilizando certos corpos e, sim reconhecendo as vozes de todxs e isso às vezes incomoda.

Na semana seguinte fiquei sabendo de um evento na região, o Periferia Trans. Consegui o contato de um dos organizadores, acessei informações na internet e apresentei-

as axs estudantes. Perguntaram: mas o que é trans? Fizemos uma discussão sobre travesti, mulher trans e homem trans.

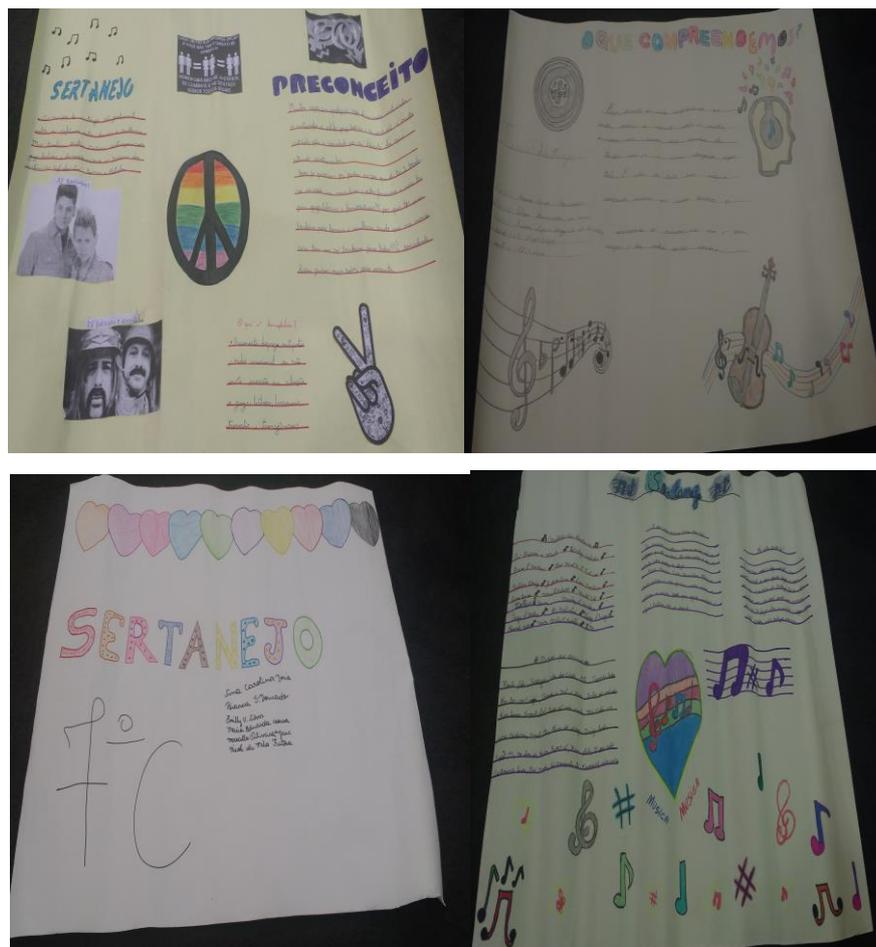


Mais responsáveis foram à escola dizendo que eu estava ensinando seus filhos e filhas a “virarem gays”. Diante da problemática, pedi o auxílio da gestão para que fizéssemos uma reunião para conversar com os familiares de todxs estudantes sob minha responsabilidade. Na da marcada, iniciei a conversa pedindo que falassem o que incomodava e o que estava acontecendo de errado. Uma mãe falou que estava mandando o filho com gravador para gravar tudo que estava acontecendo na aula, outra disse que o filho estava escutando umas músicas sertanejas em casa que falavam coisas impróprias, outras questionaram o porquê de em vez de dar aula “disso”, não dava futebol, assim como todxs os professorxs de Educação Física faziam. Anotei todas as inquietações e comecei a esboçar o cenário da escola pública e qual era a sua função. Discutimos sobre o currículo que colocava em ação e a diretora fez uma fala de apoio, dizendo que confiava no meu trabalho e que era um professor sério. Chegando à razão do desconforto, o fato de abordarmos a temática gay na escola, expliquei como a Educação Física historicamente vinha subjetivando as pessoas com experiências

heterossexuais, cristãs, machistas, eurocêntricas e estadunidenses. Ressaltei a necessidade de potencializar novas possibilidades de vida para aqueles alunos que ali estavam e problematizei a questão de não poder amar livremente, sendo homem, mulher, travesti, transexual, meninos e meninas. Por que não amar o mesmo sexo? Lembrei os vários que foram impedidos de viver, tendo sido assassinados simplesmente por amar de uma maneira que a igreja e a maior parte da sociedade ama. Perguntei se achavam justo aquilo acontecer. Muitos familiares se solidarizaram e disseram que havia passado a hora disso parar e que era necessário abordar o assunto na escola. Narraram experiências pessoais e situações tristes que viveram. Outros disseram que não queriam saber daquilo e não concordavam. A conversa se estendeu por mais de duas horas a reunião terminou quando afirmei que a escola é um espaço democrático, onde podemos discordar da opinião de outro e nem por isso precisamos nos agredir.

Pensei em compartilhar com os estudantes o que havia acontecido, mas não foi necessário. Tão logo cheguei à escola no dia seguinte, vários me esperavam com a pergunta: “professor você vai sair da escola?” Devolvi a questão: “por que sairia?” Relataram a angústia de alguns responsáveis ao chegarem em casa e descrever a reunião. Apesar disso, muitos alunos disseram achar normal conversar sobre o assunto e que, com o tempo, iriam convencer as famílias. Continuamos a vivenciar a dança sertaneja e, enquanto ouvíamos “As bofinhas”, registramos algumas experiências em cartolinas.





Pensar a escola como um dos aparatos sociais que potencializam a vida, diferentemente daquele sentido que moveu a sua criação, permite travar um diálogo com a resistência daqueles aqueles que promovem a vida de maneira diferente. Fazendo isso provocamos certas ações nos sujeitos que a ela adentram. “São muitos os escritos foucaultianos que se poderia perceber enredados no movimentos queer. Particularmente, me chamam atenção suas formulações e comentários sobre a resistência. Inúmeras vezes Foucault falou sobre a resistência. Chegou mesmo a sugerir que ela poderia ser tomada como um ponto de partida ou como uma espécie de catalisador químico, de forma a trazer à luz as relações de poder, localizar sua posição, encontrar seus pontos de aplicação e os métodos usados (LOURO, 2009, p. 137)

Não podemos esquecer que durante muito tempo a escola esteve encharcada de práticas machistas. Quando ocorre um flerte com aqueles que resistem, chega a ser comum o estranhamento dos familiares e de alguns professores. Isso se configura como um

momento importante para conversar com a comunidade para que entendam o que e o porquê dessas coisas acontecem. O trabalho realizado movimentou essas ações de maneira bem potente. Até hoje, quando encontro aqueles estudantes na rua, ouço “E aí, professor, a escola ficou em choque, hein?”.

Pensando nas ações de vida que xs estudantes propuseram durante a tematização da sofrência, vale lembrar uma referência à obra *Ditos & Escritos*, do filósofo francês Michel Foucault, presente no livro *Para uma vida não facista*, organizado pelo professor Alfredo Veiga-Neto e a querida professora Margareth Rago: “Nada fascina mais Foucault do que ter diante de si a possibilidade de que as pessoas possam fazer de suas próprias vidas o material para a realização da estética da existência, sem que tenham que recorrer a um padrão de normalização, a alguma estrutura de identificação ou de auto-encontro, nem ao recurso a algum processo de disciplinarização. Para o pensador, vale a pena constatar como a sociedade da Grécia Antiga, bem diferente da nossa, pois não estava submetida aos constrangimentos acima indicados pode nos ajudar a entender nosso nexos com a atualidade: “entre as invenções culturais da humanidade, existe um tesouro de procedimentos, verdadeiramente, mas que constituem ou podem ajudar a constituir uma espécie de ponto de vista que pode ser útil para analisar e para transformar o que se passa à nossa volta, hoje”.

Sem dúvida, xs estudantes desprenderam-se das amarras da escola do controle e da negação de corpos e olharam para a cena do sertanejo e do amor de outra forma. Quem potencializou um novo caminho na aula, sem dúvida, foi ele. Por isso, a necessidade de um olhar atento e ficar o tempo todo à espreita como docente, pois essas cenas passam rapidamente e, perdendo-as, poderemos invisibilizar mais ainda a vida daqueles que são forçados a viver como umx outrx que não deseja.

Ainda flertando com o pensamento foucaultiano, não podemos pensar que esse estudante, ao não se relacionar com a heterossexualidade tão marcada em nossa sociedade, está isentx das relações de poder. “Concordo, portanto, com o senhor que a liberação é às vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade. Se tomarmos o exemplo da sexualidade, é verdade que foi necessário um certo número de liberações em relação ao poder do macho, que foi preciso se liberar de uma moral opressiva relativa tanto à heterossexualidade quanto à homossexualidade: mas essa liberação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido um a relação completa e satisfatória. A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade”. (FOUCAULT, 2012, p. 260).

Não podemos pensar que ao reconhecer a voz daquelas que resistem a toda essa maquinaria escola, estamos, enfim, completando nossa saga de salvadores dos fracos. Esse não é um pensamento bem-vindo nas políticas de viver das quais o currículo cultural comunga. Ao entrar em campo inexplorado, o potente é continuar por lá tentando trazer o que existe de mais belo e vivo.

Gostaria sinceramente de acabar esse relato de outra forma mais as demandas sociais brasileiras levam-me a trazer alguns dados para que possamos fazer um exercício genealógico da transfobia. Essa foi uma das estratégias que usei para mostrar a importância do projeto para as famílias das estudantes. De acordo com Thais Cunha, que assina uma matéria sobre o assunto no Correio Braziliense, “o Brasil matou ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos, o que o deixa, disparado, no topo do ranking de países com mais registros de homicídios de pessoas transgêneras. O dado, publicado pela ONG Transgender Europe (TGEu), em novembro de 2016, é assustador, mas não representa novidade para essa parcela quase invisível da sociedade brasileira, que precisa resistir a uma rotina de exclusão e violência.

Segundo o relatório da TGEu, o país registra, em números absolutos, mais que o triplo de assassinatos do segundo colocado, o México, onde foram contabilizadas 256 mortes entre janeiro de 2008 e julho de 2016. Em números relativos, quando se olha o total de assassinatos de pessoas trans para cada milhão de habitantes, o Brasil fica em quarto lugar, atrás apenas de Honduras, Guiana e El Salvador.

Esses dados são mascarados pela dificuldade de contabilizar os crimes. Em muitos países, não é possível obter informações confiáveis. E, naqueles em que há registros, são comuns, por exemplo, notícias e boletins de ocorrência que identificam a vítima como “homem com roupas de mulher”. O monitoramento da TGEu também não contabiliza episódios como o assassinato do vendedor Luiz Carlos Ruas, 54 anos, espancado em uma estação de metrô de São Paulo, na noite de Natal, após defender uma mulher trans que estava sendo agredida.

Por tudo isso, as mais de 800 vidas perdidas no Brasil e as 2190 no mundo, são apenas a ponta do iceberg. Mas as histórias que passam pelo filtro do preconceito e da falta de informações deixam claro o estado de vulnerabilidade das pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento.

Em 2014, no Rio de Janeiro, um pai espancou até a morte uma criança de 8 anos, para ensiná-la “a ser homem”. Alex vestia roupas femininas e rebojava enquanto lavava a louça. O monitoramento da TGEu também conta a história de uma garota trans de 13 anos de Araraquara (SP), vítima de exploração sexual, encontrada com 15 facadas pelo corpo, incluindo a cabeça e a face, além de uma fratura no crânio. Em outra ocorrência, em 2010, Érica, 14, levou 11 tiros em Maceió. Vanessa, também de 14 anos, recebeu ameaças de morte da própria avó e foi estrangulada, em 2014, em Angélica (MS). O Correio noticiou casos assim.”³

Encerrando esta narrativa, agradeço a todxs xs travestis, trans, drags, gays e afins, por fazerem da política do amor um espaço mais bonito e colorido.

Rogéria siga em paz...



Amigxs com quem conversei

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____ Poder e saber. In: **Ditos & Escritos IV. Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

LOURO, G. L. Foucault e a teoria queer. In: VEIGA-NETO, A.; RAGO, M. (Orgs.) **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

VEIGA-NETO, A.; RAGO, M. (Orgs.) **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

³ Disponível em <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em 07/09/2017.